A ERA DOS GRANDES ENCOURAÇADOS

CMG (RM1) William Carmo Cesar

A ESQUADRA DE 1910

Neste ano de 2010, a Marinha do Brasil comemora o centenário da chegada ao Rio de Janeiro do primeiro dos grandes encouraçados construídos em estaleiros ingleses, encomendados de acordo com o *Programa Naval de 1906*, resultante de substanciais modificações do *Programa de 1904* do então Ministro da Marinha, Almirante Julio de Noronha.

Passava um pouco das treze horas do dia 17 de abril de 1910 quando o imponente *dreadnought* ***Minas Gerais***, novinho em folha, lançou ferros na baía de Guanabara, tendo a bordo o Almirante Alexandrino de Alencar[1], autor das arrojadas alterações da-

[1] DIAS, Arthur. *Nossa Marinha. Notas sobre o renascimento da marinha de guerra do Brazil no quatriennio de 1906 a 1910*. Rio de Janeiro: Liga Marítima Brazileira, 1910, p.384.

quele primeiro programa naval com as quais pretendeu inserir o Brasil na era dos grandes encouraçados. Meses depois, seguindo a esteira de seu um irmão gêmeo, o ***São Paulo*** também demandou a barra do Rio de Janeiro para se incorporar à nossa nova Esquadra. Um terceiro *super-dreadnought,* o ***Rio de Janeiro***, com quase 30.000 toneladas, igualmente encomendado pela marinha brasileira à Inglaterra e previsto para ser entregue em 1912, foi, entretanto, vendido para a Turquia. Com a aproximação da I Guerra Mundial, esse grande navio acabou não sendo entregue à marinha turca, e sim incorporado à marinha real britânica com o nome de *Agincourt*.

Esses três poderosos encouraçados, incluídos no *Programa de 1906/1910,* pretendiam dar à Marinha do Brasil projeção internacional, compatível com a nossa condição de potência emergente, como era o entendimento do chanceler da República, o Barão do Rio Branco, que apoiou as ideias renovadoras do Almirante Alexandrino.

O FIM DOS NAVIOS DE LINHA DE MADEIRA

Em 21 de outubro de 1805, na batalha naval de Trafalgar, canhões de variados calibres dispostos ao longo de conveses bem artilhados de *navios de linha*, como a HMS *Victory*, capitânia do almirante Horacio Nelson, lançaram um sem número de projéteis através de suas temíveis bordadas. Sólidos e maciços, esses projéteis perfuravam o costado dos navios adversários, atingiam mastros e velas e matavam tripulantes, mas os danos gerais causados a bordo pelos impactos nem sempre levavam à destruição total e ao afundamento do navio.

Menos de uma década após aquele famoso combate, durante o qual o bravo almirante inglês perdeu a vida, graças a um coronel francês especializado em artilharia, *Henri-Joseph Paixhans*, foi introduzido nos canhões navais seus projéteis explosivos dotados com mecanismos de retardo. Essa inovação tecnológica no armamento naval iria provocar resultados devastadores e drásticas mudanças na concepção de novas belonaves, especialmente na França e na Inglaterra.

Após ser empregado sem muito sucesso, em 1843, na guerra entre o México e o Texas, projéteis explosivos de canhões Paixhans de seis navios de linha russos destruíram e afundaram, em poucas horas, uma frota turca de fragatas e navios menores, na batalha de *Sinope*, em novembro de 1853. Sinope, ocorrida no litoral turco ao sul do mar Negro, vai trazer à mostra a vulnerabilidade dos cascos de madeira perante os projéteis explosivos.

Em outubro de 1855, ainda na Guerra da Crimeia, que colocou de um lado o império dos czares e do outro o império dos sultões otomanos e seus aliados ingleses e franceses, em *Kinburn,* no litoral norte do mar Negro, fortalezas russas foram bombardeadas por um novo tipo de embarcação e, em seguida, ocupadas. A ação foi executada por três *baterias flutuantes* construídas na França, *Tonnante, Dévastation e Lave*, com 53 metros de comprimento e armadas com 16 canhões de 50 libras e duas peças de 18 libras, as primeiras embarcações encouraçadas a enfrentar fortalezas a curta distância sem sofrer danos significativos, apesar de atingidas pelo fogo das baterias de terra.

Sinope e Kinburn decretaram o fim dos *navios de linha* com cascos de madeira, que praticamente deixaram de ser lançados a partir da segunda metade do século XIX, e anunciaram a chegada da couraça como proteção das belonaves contra os projéteis explosivos disparados pelos poderosos canhões navais.

NASCE UM NOVO TIPO DE NAVIO DE GUERRA

Com a experiência adquirida na construção das baterias flutuantes, os franceses e os ingleses começaram a desenvolver os primeiros navios de guerra encouraçados de alto mar. A França saiu na frente ao lançar o ***Gloire,*** em 1858, seguido da Inglaterra com o ***Warrior***, no ano seguinte.

Menos de cinco anos depois, em 1862, nas águas costeiras da América do Norte durante a Guerra da Secessão surgiram dois novos modelos de navios de guerra: o ***Virginia*** e o ***Monitor***, ambos encouraçados e movidos a vapor. O *Virginia,* montado pelos Confederados sulistas sobre o casco do ex-*Merrimac,* abandonado em Norfolk pelos nortistas, tinha canhões em *casamata*, isto é, baterias centrais em estrutura corrida no convés, protegida e com aberturas para a artilharia. Já o *Monitor*, projetado e construído especialmente para as forças da União pelo engenheiro sueco John Ericsson, tinha canhões em torre giratória. Mas ambos eram navios de pequeno porte não apropriados para operações em alto mar.

Na mesma época foram construídos para a Marinha Inglesa dois navios com quatro torres e couraça, o *Prince Albert* e o *Royal Sovereign*. Com essas inovações, *foram eles os verdadeiros ancestrais dos encouraçados do século XX, mais do que os modelos*

originais de canhões pela borda, representados pelo Gloire e pelo Warrior[2].

Em 1869, ainda na Inglaterra, foi lançado o HMS *Captain,* um navio de guerra a vapor mas ainda com três mastros e velas, um dos últimos com propulsão mista. Incorporado à Esquadra do Canal, dotado com duas torres de canhões localizadas próximo à linha d'água, teve ele duração efêmera pois naufragou na baía de Biscaia, em setembro de 1870, atingido por forte tempestade. Como consequência desse desastre, o próximo navio lançado pelos ingleses, o HMS *Devastation*, teve apenas um mastro, mantido como posto de vigilância e suporte para comunicações visuais por bandeiras[3], portanto sem vergas para velas. Possuía canhões de 12 polegadas, couraça de 24", dois hélices e mais espaço a bordo para armazenar carvão para uma raio de ação de cerca de 5.000 milhas náuticas, um modelo para as novas gerações de encouraçados.

Nas últimas três décadas do século XIX, não somente a Inglaterra e França como também a Itália e a Alemanha continuaram a lançar encouraçados com canhões cada vez mais pesados e montados em barbetas ou torres, cujos calibres variaram de 12 polegadas (305mm) a 16,25 polegadas (405mm). Em 1889 o HMS *Victoria* foi dotado com poderosos canhões de 16,25 polegadas, raiados e de carregamento pela culatra, os mais pesados canhões do século, com 110 toneladas, cujos projéteis eram capazes de penetrar 37,5 polegadas de ferro forjado[4].

A ERA DOS *"ALL BIG GUNS BATTLESHIPS"*

O valor da artilharia naval veio a ser demonstrado durante a guerra russo-japonesa, em maio de 1905, na batalha de Tsushima, quando os navios do almirante Togo venceram seus adversários da força naval russa do almirante Rozhdestvensky, graças ao grande poder de destruição dos canhões navais de 12 polegadas da esquadra nipônica atirando a uma distância superior a 10.000 jardas. Os canhões de longo alcance se mostraram superiores às baterias mistas de calibres variados. Estava começando a era dos *all big guns battleships*!

Decorrido pouco mais de um ano de Tsushima, ao final de 1906 entrava em cena, na Inglaterra, o mais econômico e poderoso dos encouraçados até então construídos, o HMS ***Dreadnought***, cuja prontificação recorde levara apenas 14 meses. Essa grande belonave, obra da administração profícua do Almirante Sir John Fisher, então Primeiro Lorde do Almirantado, que veio a se tornar um modelo-padrão de encouraçado mundial, possuía as seguintes características básicas:

HMS DREADNOUGHT	
Deslocamento	17.900 toneladas
Comprimento / Boca	160m / 25m
Couraça	11 polegadas / 28cm (meia nau)
Propulsão / Velocidade	23.000 HP / 4 eixos / 21 nós
Armamento	10 canhões de 12' em 5 torres duplas (305mm) 24 canhões de 12 libras 5 tubos para torpedos de 18' (submersos)

Logo as marinhas do mundo, especialmente as concorrentes mais próximas da Marinha Real Britânica, começaram a equipar suas esquadras com grandes encouraçados. A Alemanha incorporou o *Nassau* e o *Westfalia*, a França o *Danton*, a Itália o *Dante Alighieri* e os Estados Unidos lançaram o *Texas* e o *New York*, este último em 1912 com 27.000t, 10 canhões de 14 polegadas e 21 de 5 polegadas.

Na América do Sul, também adquiriram seus *dreadnought* as marinhas da Argentina e do Brasil. A esquadra brasileira incorporou, em 1910, os *super-dreadnought Minas Gerais* e *São Paulo,* com 21.200t de deslocamento, 160m de comprimento, armados com 12 canhões de 12' (305mm) em torres duplas e 22 de 4,'7 (120mm) e com velocidade máxima de 21 nós. Um terceiro adquirido, o *Rio de Janeiro*, tinha 30.250t, 190m, 14 canhões de 12 polegadas, 20 de 6 (152mm), 10 de 3 (76mm), além de três tubos para lançamento de torpedos de 21 polegadas.

Nas duas primeiras décadas do século XX, verificou-se uma verdadeira corrida armamentista entre as grandes marinhas do mundo que, em 1914, possu-

---

2 PRESTON & BATCHELOR, *Battleships 1856 – 1919*. London: Phoebus Publishing Co / BPC Publishing Ltd, 1977, p.15/20.

3 HILL, Richard. *War at Sea in the Ironclade Age*. London: Cassell & Co, 2000, pág.37.

4 POTER, E. B. & NIMITZ, Chester. *Sea Power. A Naval History*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall Inc,1960, p.331.

íam um grande números desses navios incorporados às suas armadas e com os quais iniciaram a Primeira Guerra Mundial (1914-18).

Em 1914 o Almirante Fisher mais uma vez revolucionou a Marinha Real Britânica com o *super-dreadnought* HMS ***Queen Elizabeth,*** de 37.500t, 200m de comprimento, 29m de boca, armado com 8 canhões de 15' (380mm), 12 de 6' e 12 anti-aéreos de 4' (102mm), além de quatro tubos submersos para lançamento de torpedos de 21 polegadas. Suas máquinas de 58.000 HP eram movidas a óleo combustível em vez do carvão e proporcionavam uma velocidade de 25 nós.

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Os grandes encouraçados formaram as espinhas dorsais das esquadras por mais de meio século, dos 1880 aos 1940. No decorrer da Segunda Guerra Mundial (II GM), de 1939 a 1945, foram sendo substituídos pelos navios-aeródromos (NAe) como navios capitais das Armadas. A propósito, já nos primeiros anos daquela guerra, em ataques inéditos contra bases navais, efetuados por aeronaves lançadas de porta-aviões, vários encouraçados foram destruídos. O primeiro se deu em Taranto, na Itália, em novembro de 1940, quando três encouraçados italianos - *Cavour, Littorio* e *Duílio* - foram seriamente danificados por aeronaves inglesas do HMS *Illustrious*. Um ano depois, em dezembro de 1941, foi a vez da base naval norte-americana de Pearl Harbor, Havaí, ser duramente atacada por aeronaves japonesas que deixaram fora de combate todos os encouraçados norte-americanos ali estacionados – *Oklahoma*, *Califórnia*, *Nevada*, *West-Virginia* e *Arizona*, e levaram os Estados Unidos da América a entrarem na guerra.

Ainda assim, mal a II GM havia começado na Europa, os encouraçados continuaram a serem lançados, como o HMS ***King George V,*** na Inglaterra, em 1939 (tinha 42.200t, 227m, 10 canhões de 14'/360mm, 16 de 5'/133mm, máquinas de 125.000HP e velocidade de 28 nós) e, em 1940, nos Estados Unidos da América, o USS ***North Caroline*** (com 38.000t, 222m, 9 canhões de16'/410mm, 20 de 5'/130mm, máquinas de 121.00HP e velocidade de 26 nós).

No início dos 1940, foram lançados, no Pacífico, os maiores encouraçados até hoje construídos: os japoneses ***Yamato*** e ***Musashi***, de 67.000 toneladas, 255m de comprimento, 39m de boca, 11m de calado máximo, 9 canhões de 18'/460mm, 12 de 6'/152mm, 12 de 5'/12,7mm, máquinas de 150.000HP, velocidade máxima de 27 nós e raio de ação de 8.000 milhas náuticas a 18 nós. Ironicamente, esses colossos armados dos mares foram postos a pique ao final daquela guerra *por chuvas de bombas aéreas e torpedos, e não por salvas de outros encouraçados, em engajamento para o qual eles foram concebidos e nunca empregados*[5].

Originalmente destinados a engajar nas linhas de batalha principais, ainda na II GM os encouraçados passaram a executar tarefas de proteção, especialmente na defesa antiaérea das grandes forças navais nucleadas por NAe, e de apoio de fogo naval nas operações de desembarque de fuzileiros navais.

O FIM DOS GRANDES ENCOURAÇADOS

A maioria dos Aspirantes que cursaram a Escola Naval desde o período pós Guerra Fria até os dias atuais certamente pouco conhecimento teve das histórias e dos destinos daquelas gigantescas e bem armadas belonaves que guarneceram as Armadas de nossos antepassados. Não foram os encouraçados navios de seu tempo.

O pioneiro ***Gloire*** dos franceses, por exemplo, foi desmantelado em 1883 e o seu concorrente inglês ***Warrior,*** desde 1987 encontra-se atracado nas Docas Históricas de Portsmouth, na Inglaterra, próximo à capitânia de Nelson, a HMS *Victory*. O mais famoso ***Dreadnought*** inglês foi desativado em 1918 e, posteriormente, desmontado em razão do desarmamento do Tratado de Washington de 1922. O Mikasa, capitânia do Almirante Togo em Tsushima, após ter afundado no porto de Sasebo devido a uma explosão em paiol, foi recuperado e, atualmente, encontra-se preservado como navio-museu em Yokosuka, sendo um remanescente da era pré-dreadnought. O ***King George V*** foi descomissionado em 1949 e o ***North Caroline***, ainda hoje, pode ser visitado em Wilmington, na Carolina do Norte, onde se encontra desde 1962 como um *Battleship Memorial*. O ***Yamato***, como já mencionado, foi posto a pique por aeronaves norte-americanas em abril de 1945. Sobre a estrutura do **USS *Arizona***, afundado em Pearl Harbor em dezembro de 1945, existe desde 1962 um belo memorial erguido em homenagem a todos os militares mortos por ocasião do ataque japonês.

---

[5] EVANS, David & PEATTIE, Mark. *Kaigun. Strategic, Tactic, and Technology in the Imperial Japanese Navy*, 1887-1941. Annapolis: Naval Institute Press, 1997, p.382.

Desde o ano de 1999, um outro encouraçado norte-americano da II GM, o USS ***Missouri***, encontra-se na baía de Pearl Harbour, atracado em cais perpendicular ao *Arizona Memorial*. Esse último encouraçado tornou-se especialmente famoso por ter sido em seu convés a cerimônia de assinatura da rendição japonesa pondo fim, em 02 de setembro de 1945, ao longo e sangrento conflito global que foi a IIGM. O USS *Missouri* voltou à guerra naval no conflito da Coreia (1950-53), disparando seus poderosos canhões de 16 polegadas. Mais tarde, revitalizado e modernizado com mísseis *Harpoon* e *Tomahawk* além de canhões de tiro rápido Phalanx e equipamentos de guerra eletrônica, participou da Guerra do Golfo lançando, em fevereiro de 1992, mísseis Tomahawk sobre o território inimigo.

Os últimos encouraçados da Marinha do Brasil não mais existiam no início da década de 1950. O ***São Paulo***, vendido para desmonte, afundou em novembro de 1951 no Atlântico Sul ao ser rebocado para a Europa, recusando-se heroicamente a virar sucata. O ***Minas Gerais*** foi desarmado em setembro de 1953. Desde 1976, nem mesmo os velhos cruzadores ligeiros, os últimos grandes navios de minha geração artilhados com poderosas baterias principais de canhões de 152mm e secundária de 127mm, os saudosos CL *Tamandaré* e CL *Barroso*, permaneciam em serviço.

Que este artigo sirva para mostrar aos Aspirantes de hoje um pouco da história daquelas imponentes belonaves de ontem, simbolizada no centenário da chegada da esquadra de 1910.